

CRÓNICA DOS BONS MALANDROS / 1984

um filme de Fernando Lopes

Realização: Fernando Lopes / **Argumento:** Fernando Lopes, Mário Zambujal e Artur Semedo, baseado no romance homónimo de Mário Zambujal / **Direcção de Fotografia:** Manuel Costa e Silva / **Direcção Artística:** Jasmim de Matos e Teresa Lacerda / **Guarda-Roupa:** Jasmim de Matos / **Música:** Verdi, Mussorgsky, Raul Ferrão, Jony Galvão / **Canções:** Rui Veloso e Paulo de Carvalho / **Coreografia:** Patrick Hurd / **Som e Montagem:** João Carlos Gorjão / **Efeitos Visuais:** Mário Neves / **Interpretação:** Duarte Nuno (Silvino Bitoque), João Perry (Renato), Lia Gama (Marlene), Maria do Céu Guerra (Adelaide), Nicolau Breyner (Pedro), Paulo de Carvalho (Arnaldo), Pedro Bandeira Freire (Flávio), Zita Duarte (Lina), António Assunção (chefe da polícia), Virgílio Castelo (Carlos), Mário Zambujal (narrador), Jorge Listopad (psiquiatra), Artur Semedo, Manuel Luís Goucha, etc.

Produção: Tobis Portuguesa, Fernando Lopes / **Produtor Executivo:** Artur Semedo / **Direcção de Produção:** Olívia Varela, Teresa Tainha e Cláudia Lopes / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, com legendas em inglês, 82 minutos / **Estreia:** Condes, Las Vegas, Quarteto e Quinteto, a 18 de Outubro de 1984.

Sessão com a apresentação que tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo

Vale a pena ler as declarações de Fernando Lopes a propósito de **Crónica dos Bons Malandros**, reproduzidas no Catálogo que a Cinemateca lhe dedicou em 1996. Transcrevemos algumas passagens, a primeira respeitante ao nascimento da ideia do filme: “*O Mário Zambujal e eu somos velhos amigos do tempo em que ele estava n’O Século e eu no Cinéfilo. [...] Tive vontade de o adaptar (ao livro) não tanto por ser um best seller mas porque se vivia uma época feliz do cinema português. O **Kilas, o Mau da Fita** do José Fonseca e Costa tinha feito um enorme sucesso e eu pensei que era possível continuar esse êxito, fazendo uma coisa que sempre desejei – um musical. Já que foram os musicais americanos, mais do que os westerns, que me trouxeram para o cinema.*” Depois, sobre o que o filme acabou por ser: “*Cometi um enorme erro do ponto de vista da produção que foi não ter os meios para fazer o filme como queria. Ainda por cima o IPC acabou por não me dar o dinheiro, porque pura e simplesmente não o tinha – estava numa fase muito complicada... Por isso considero **Crónica dos Bons Malandros** como uma comédia falhada, no sentido em que me faltaram 4 ou 5 mil contos de precisava para fazer a cena do assalto à Gulbenkian, que é uma cena fundamental do filme. Tentei fazê-lo como uma espécie de banda desenhada, mas não*

o consegui levar conseqüentemente até ao fim. [...] Curiosamente acabou por ser o meu filme mais popular: teve 100 000 espectadores”.

De maneira sintética e com uma sereníssima lucidez, Fernando Lopes expõe assim com clareza o problema fundamental de **Crónica dos Bons Malandros**: é um filme que não conseguiu ser, não pôde ser, o filme que quis e sonhou ser. Fórmula que por certo se pode aplicar a qualquer filme, mas que é mais verdadeira nalguns casos – como este, reconhecidamente.

Presente-se muito bem o tipo de filme com que Fernando Lopes sonhou: uma comédia que actualizasse (para os anos 80) alguns tipos e situações caros ao imaginário popular português (ou mais propriamente lisboeta), sustentada num registo de irrisão mais ou menos “malandra” (o adjectivo parece justificar-se) que deixasse passar a leveza irrealista do musical, ou dos seus códigos. Assim como se presente (mais do que se “vê”) que uma das chaves do filme podia passar pelo confronto (“demyiano”, porventura) entre essa aura de irrealidade do musical e a paisagem, palpável e reconhecível, dos cenários lisboetas em que o filme se instala.

Mas o que salta à vista, pelo menos numa visão contemporânea do filme, é um dado bastante surpreendente. De algum modo, **Crónica dos Bons Malandros** é um filme que soube do seu fracasso (ou pelo menos que se confrontou com a iminência do fracasso das suas intenções – os tais “4 ou 5 mil contos” a menos, entre outros problemas de produção) por antecipação, e tentou lidar, dentro de si próprio, com esse fracasso. É, no fundo, o que Fernando Lopes reconhece na passagem acima citada: “salvar” o filme, aqui, significava olhar de frente para o fracasso anunciado, e incorporá-lo na sua própria matéria. Na agitação heteróclita que percorre o filme (dos pormenores “brechtianos” como a presença do narrador/autor Mário Zambujal numa cena à utilização de recursos especificamente televisivos) acaba por ficar ao de cima uma energia – uma “vida” – em permanente ameaça, que faz do filme de Fernando Lopes, talvez, um caso único no cinema português.

Luís Miguel Oliveira